

5a Mostra de Teatro de Heliópolis: A Periferia em Cena 2023

O ser periférico ocupa o teatro - por Elis Martins¹

Cabo Enrolado, da Cia Graxa, foi apresentado sexta-feira à noite, como parte da 5a Mostra de Teatro de Heliópolis: A Periferia em Cena 2023, na sede da Companhia de Teatro Heliópolis, na Casa de Teatro Maria José de Carvalho, bairro do Ipiranga, em São Paulo. A Cia Graxa foi formada recentemente, sendo *Cabo Enrolado* sua primeira peça.

O espetáculo dirigido e interpretado por Julio Lorosh se desenvolve, em sua primeira camada, ao redor da questão dos *motoboys*, com ênfase àqueles que trabalham para os aplicativos. A narrativa passa em revista vários momentos da vida da personagem solo: da infância à juventude do jovem periférico, e momento em que este entra na concessionária para comprar o que é vendido como a “sua possibilidade de felicidade”: uma moto. As prestações do “bem” chegam junto ao filho recém-nascido. Se o viver já era complicado, com mais os dois novos compromissos, é preciso correr ainda mais outros riscos de vida para tentar pagar os boletos.

A mistura de monólogo com as músicas criadas por Cesar Aranguibel, Dustin Farias, Julio Lorosh e Matheus Vieira, sobre o dia-a-dia desse sujeito periférico, garantem a poesia que envolve a peça. Os “dramas” da vida dos *motoboys* são discutidos com profundidade, de modo que o conteúdo explode na condição de forma dentro da peça. A pesquisa extensa sobre o tema, misturada às vivências dos integrantes da Companhia, manifesta, cabalmente, investigação que vem de muito antes da criação da obra.

As questões trabalhistas, sobretudo ligadas ao universo dos entregadores, que se tornaram mobilizações na época da pandemia são evidenciadas no espetáculo. Algumas questões como a terceirização, por exemplo, que passaram meio despercebidas da categoria mencionada, há alguns anos, reaparecem, também no espetáculo, como um de seus assuntos. As contradições do “empreendedorismo” que, em tese, leva o sujeito a definir o quanto de tempo deveria trabalhar, indica a fome caso se trabalhe menos de doze horas por dia. A “magia” por trás dos algoritmos dos

¹ Pesquisadora do teatro político e do teatro de grupo, é artista e graduada em Licenciatura em Arte-Teatro pela Unesp. Mestranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação da mesma instituição, em cujo projeto pesquisa os Centros Populares de Cultura, orientada por Alexandre Mate.

aplicativos se revela um chicote que se aprimorou, engolindo a vida dos que se tornam escravos de ganho, passando fome enquanto carregam comida nas costas.

Entre os pontos debatidos na obra, tomando possivelmente como mote central, até quando poderá durar o pesadelo de uma segurança pública que parece funcionar apenas para o encarceramento em massa e o genocídio da população negra, destacam-se: a violência policial contra o jovem trabalhador periférico o permanente medo de ser ele o próximo a estar esticado na rua após o baile *funk*; o medo de ser pego pelas luzes? Mas a obra apresenta a felicidade do jogo de futebol ou de alguma festa com ou amigos. O desejo de consumo, tendo em vista a inexistência de espaços de lazer nas periferias, perpassa as questões da juventude que basicamente só tem acesso (e “felicidade”) àquilo que é doado ou comprado em muitas prestações. A obra, de certo modo, denuncia tudo o que se encontra os entres e o sobreviver, com ênfase à violência policial, a falta de acesso ao lazer e os acidentes de trânsito.

O crescimento de mais um sujeito (filho), manifesta a possibilidade de poder viver e conceder uma vida melhor, apesar do mundo sem chance. Entretanto, por não se inserir na categoria de um drama, a obra busca defender a classe à qual aquele entregador pertence. Pela “impossibilidade da mudança”, a peça ousa defender os “indefensáveis”, os tidos como sem futuro e nessa ousadia o vislumbre da classe é construído por meio de uma narrativa periférica.

E saio com o questionamento: seria um Galo² o nosso futuro presidente?

² Paulo Galo ou Galo de Luta é líder do movimento social de trabalhadores de aplicativos Entregadores Antifascistas, grupo responsável por articular o “Breque dos Apps” em julho de 2020.